

Editorial

Maio, mês todo especial no Seminário, dedicado a Maria e vivido com piedade e devoção.. A Congregação Mariana preparava sessão especial, novos membros eram admitidos. A ladainha era polifônica, as leituras espirituais exaltavam a Virgem Mãe. Havia procissão e nos corações dos seminaristas brilhava o amor e a confiança de filhos. E hoje ao nos recordarmos do mês de maio também o nosso coração se envolve na saudade e nos deparamos genuflexos diante da Mãe celeste pedindo a proteção e nos nossos lábios brota a oração, que cantávamos a plenos pulmões: Sub tuum praesidium confugimus Sancta Dei Genitrix.

Anote na sua Agenda

MISSA DE PÁSCOA: Pe. Antonio Aparecido (Pe. Cido) nos convida para a Missa de Páscoa dos ex-alunos do Seminário do Ibaté, no dia 19 de junho de 1999, às 10:00 h, na sua paróquia, igreja do Menino Jesus do Tucuruvi, na Av. Mazei nº 491, próximo da estação Tucuruvi do Metrô, em São Paulo(SP).

Futebol - Revanche

No dia 24 de abril de 1999, Sábado ensolarado, foi realizado na cidade de Jundiaí, mais precisamente na propriedade do colega Airton O. Gobi (Lambari) uma confraternização dos ex-alunos do seminário do Ibaté. O dia transcorreu na mais perfeita harmonia, tendo como atração central o Futebol, disputado

Colegas Localizados

O Antônio da Aparecida Simões Cuccio informa que localizou os colegas: Antonio Sennerchia(60), João Batista do Vale (66/69), José Maria Rico(59), Reinaldo José Flores(71/72), Sérgio Arlindo Montini(63/66), Rui Vieira Torcato(62), Henrique Duarte

Euzébio(60/61), Silvio Schirato(49), Giustino Bottari(58/59), Carlos Mariano Gomide Ribeiro(58/59), José Carlos Melotto(55/56).

În Memoriam: Roberto Doberd(60/61), falecido há 15 anos e João Bosco da Silva(58/61), falecido em 1994.

Prêmio Jabuti de Tradução

O nosso colega Cláudio Giordano (1951/1957) recebeu, no dia 23/04/99, no Salão do Livro do EXPOCENTER NORTE da cidade de São Paulo, o Prêmio Jabuti de Tradução, premiação concedida pela Câmara Brasileira do Livro pela

tradução do catalão do romance de cavalaria publicado em 1490: "Tirant lo Blanc". Os colegas Barelli, Atílio, Mosca, Almeida e Márcio, presentes ao evento, levaram o abraço dos ex-ibateanos ao laureado. *(informou o Atílio)*

**NOVO
ENSAIO DO
CORAL**

**Dia 12 de Junho
às 9 horas**

Local: CÚRIA
Av. Higienópolis, 890
(com estacionamento)

Elisabet - esposa do José Ricardo Falcão (1963/1967)

entre as equipes: Águia do Saboó, Falcão do Ibaté, Condor e Andorinha.

Após a pelada, cujo arbitro foi a "consciência", a festa regada a cerveja e um delicioso churrasco, invadiu a tarde com bate papos inusitados e alegres, com direito à banho de piscina .

As esposas que lá estiveram, sugeriram que nos próximos encontros algo seja elaborado para que elas possam ter alguma atividade e ficar mais próximas de seus maridos.

P.S. Agradecimentos especiais aos pais do Gobi verdadeiros anfitriões que nos proporcionaram este belo dia.

A Rifa foi um Sucesso!

Mais uma vez a nossa turma provou que é ponta firme. A colaboração com a rifa para reforçar nosso caixa e fazer frente às nossas despesas contou com a ajuda importante dos seguintes colegas: Quinzinho, Wilson Cruz, Casemiro, Nadir Firmino, Eduardo Manga, Barbieri, Francimar, Jones, Lourenço Perereca, Ismael Estilingue, Isaias, Cosso, Sansone, Fierro, Luiz Roberto de Oliveira, Atílio, Barison, Barelli, Zequinha, Orzari, Petrucio, Luizinho, Ranulfo, Antonio Almeida, Justo, Gilberto Lucarts, Fausto, Rogério, Pirão, Villa Maior, Higino, Luiz Carlos Oliveira, Hilário, Joaquim Barbosa, Sávio, Cavalcanti, Fondello, Rovirso, Wilson Mosca, José Pedro, Simões, Pavão e Lui.

O ganhador foi o Luiz Carlos de Oliveira (Coff) com o número 00945 (extração de 10/04/1999).

A todos o agradecimento da Comissão, na certeza de que mais esse esforço será de grande valia para a nossa turma.

Total arrecadado	RS 2.500,00
Prêmio pago	RS 400,00(-)
Desp. com impressão.	RS 25,00(-)
Total líquido	RS 2.075,00

Um sábado com a Marplan

No Sábado, dia 17.04, às 9,30 h., aconteceu um valioso encontro na Cúria Metropolitana com o diretor Luis Carlos de Oliveira do Instituto de Pesquisas Sociais Marplan Brasil. Além de conhecermos a atividade e estrutura básica do Instituto, abordamos a possibilidade de se efetuar uma pesquisa qualitativa da comunidade Ex-Ibateana. Nos próximos números do Echus divulgaremos mais detalhes desta idéia. Estavam presentes neste encontro Atílio, Furlanetto, Mosca, Márcio Paçoca, Ferreirinha, Simões, Jones e Almeida.

(Por Ferreirinha - freelance para o ECHUS).

EXPEDIENTE

• Colaboradores:

Ferreirinha, Barbieri, Elisabet (Falcão), Nehy (Martini), Paulo Toschi, Mons. Artamendi

• Artigos e colaborações:

Echus do Ibaté
Caixa Postal 71.509 - São Paulo / SP
CEP 05.021-990

Obs. Se possível enviar material em disquete
(texto em word e fotos em formato jpg)

• Responsabilidade

Os artigos assinados são de inteira responsabilidade dos autores, não expressando necessariamente a opinião da equipe de coordenação

• Internet

<http://www.geocities.com/Athens/Delphi/8915>

E-mails: ibate@base.com.br
ibate@hotmail.com

Fluxo Financeiro

Posição até 30/04/1999

Entradas	
Contribuições e doações	527,78
Venda de Fitas	20,00
Rifa (Parte)	1.804,00
Juros	15,76
Total	2.367,54

Saídas	
Informativos nº 30	260,00
Postagem informativo nº 30	244,29
Irmãos Boccato - Bloco Rifa	25,00
Prêmio - Rifa	400,00
Despesas bancárias	7,90
Total	937,19

Demonstração do Saldo	
Saldo Anterior 28/02/99	3.736,76
Entradas	526,21
Saídas	492,61
SALDO ATUAL	3.770,36

Tesoureiros: Carlos D. Cosso - Wilson Mosca - Gilberto Lucarts

Se Eu (não?) Fosse Lunático

Paulo Francisco da Costa Aguiar Toschi (1949/1953)

O Padre Jair disse que eu era lunático, quando lhe expus a minha intenção de ir embora do Seminário de São Roque. Achava que o meu desejo era passageiro, mudaria, tão logo a Lua entrasse em nova fase. Querer sair de São Roque era uma crise provocada pela Lua. Eu era lunático porque, no fundo, queria mesmo lá ficar, de acordo com o nosso querido Diretor Espiritual.

O nosso colega Araça (Luiz Roberto Soares), comentando o livro "Palavra de Seminarista", defendeu aquele sacerdote, concluindo que eu era mesmo lunático, por não ter seguido o seu conselho de permanecer no Ibaté. Portanto, para o Araça, lunático é aquele que não quer ficar em São Roque (ou ali por perto, creio).

Fico na dúvida se ser lunático é ficar ou não ficar. O pessoal de Araçiguama que resolva, pois devem entender de Lua. Estou escrevendo esta resposta no dia 7 de abril, dia em que, não me lembro muito bem, D. Pedro I disse que Fico ou que não Fico.

Só sei que eu abdiquei, apesar dos conselhos do bom padre. E não me arrependo de ter abdicado. Ou será que eu atingi a maioridade? (*Não, esse era D. Pedro II, aquele que usava barba e parecia mais velho que o pai*). Apenas tenho saudades da Lua que brilhava altaneira nos céus do Ibaté. Aquela que, até hoje, prende o Araça ali por perto. E o Padre Jair também. Um grande abraço para os dois.

(Meu Deus, eu pensei que não entendia apenas de Lua ou de Literatura, agora, estou percebendo que também não entendo nada de História do Brasil).

O que muito me agradou, na crítica benévola e gratificante feita pelo Araça, foi a sua afirmação de que meu livro foi escrito sem preocupações técnico-literárias. Pois foi isto mesmo. Se para escrever alguma coisa, as pessoas tivessem que fazer um curso, apegar-se a escolas, engessar-se em estilos, seguir tendências, a arte não

seria arte. Afinal, literatura de cordel é literatura, não é mesmo?. Fiz do meu livro uma tentativa de levar a literatura, ainda que modesta, para a Internet, uma nova espécie de apresentação, capaz de chamar a atenção daqueles que somente se atêm às imagens GIF ou JPG, aos sons WAVE e aos recursos do Java Script e outras novidades. Um livro leve, curto, despretensioso, porém, procurando mexer com os sentimentos, embutindo nas frases de aparência inocente reflexões sobre problemas sérios que todos nós vivemos.

Sim, porque todos nós, que vivemos sob a Lua do Ibaté, tivemos grandes problemas. Ou é mentira que muitos de nós passamos por grandes traumas psicológicos e levamos muitos anos para nos adaptarmos à vida normal dos mortais comuns, após os poucos anos em que vivemos no Seminário de São Roque?

Será verdade afirmar que ainda hoje o nosso comportamento carrega muito daquela experiência? Que dizer dos colegas que se recusam terminantemente a manter qualquer contato com os seus antigos companheiros e fogem dos encontros das primeiras sextas-feiras, com medo de voltar ao pesadelo que os atormentou por longos anos? E o que falar daqueles que, tendo rompido com a vida clerical, tendo abandonado o ideal de "espalhar a fé", como diria Camões, não conseguem se afastar das sacristias e, até hoje, centram suas vidas em preocupações litúrgicas?

Não, não estou afirmando que somos todos nós um bando de lunáticos. Apenas estou lembrando que há situações que "imprimem caráter".

Estou sendo contundente? Pois leiam de novo o meu livro. Repassem o que não está escrito, prestem atenção nas entrelinhas. Outro dia alguém disse, lá no Circolo Italiano (acho que foi o Almeida), que eu havia ficado em cima do muro, que o João Steck tinha sido mais direto e objetivo, nos seus comentários. Que

bom. Como eu fico feliz. Não é preciso ser extremamente explícito, não há necessidade de contundir. Com mansas palavras e recordações amenas é possível despertar emoções já recalçadas ou sublimadas. E as pessoas começam a se manifestar. Era isto mesmo o que eu queria.

Meu livro é uma água-de-milícia? É sim, e até me admiro, porque tantas pessoas, mesmo aqueles que nunca viram um Seminário, o leram de um só fôlego, não conseguindo parar, sem antes chegar ao fim. Afinal, a Lua não brilha apenas no Ibaté.

"Palavra de Seminarista" não é realmente uma grande obra. Nunca teve a menor pretensão de se comparar com o trabalho dos literatos. É um pequeno ensaio, podem chamar de livrete, de opúsculo, do que quiserem, mas ele tem uma dupla finalidade: primeiro, testemunhar uma época que não mais existe (Deo gratias) da evolução permanente de nossa Santa Madre Igreja; segundo, tentar lançar uma forma nova de escrita, adaptada ao mais moderno veículo de comunicação, a Internet.

O livrete não é um desabafo. É uma provocação. Eu quero vocês todos na seção Colaboradores, da minha página da Internet. Vamos transformá-la em um fórum de debates. O tema é quente, minha gente. Outro dia, num bar próximo ao Circolo Italiano, eu ameacei trazer à luz um trabalho em que já venho pensando há tempo, e que terá o nome de "ET PORTAE INFERI....!" O Furlanetto, ao tomar conhecimento da idéia básica, logo reagiu como eu desejava. Prometeu replicar se eu me atrevesse a mandar aquele artigo para o Echus do Ibaté. Que legal. É isto que vale a pena. Recordar (apenas) não é viver. A evocação do passado tem que ter um significado, um propósito. Deve servir para ajudar a construir alguma coisa.

Estou dando início a um outro

(continua na página 4...)

(...continuação da página 3)

trabalho, que denominei FLASHES (nada tem a ver com o Seminário) e que já está na minha página da Internet. Ainda não pode ser acessado por todos os internautas. Seus arquivos estão velados, por enquanto. Vai ser um passo a mais para o desenvolvimento desse estilo pseudo-literário-cibemético. Se o nosso amigo Araça tivesse lido o último episódio que escrevi para o "new bookinho", aí então, e com razão, ele iria me chamar de lunático. Aguardem e verão.

Obrigado, Araça. Seus comentários já estão na seção própria do "Palavra de Seminarista". Você também já foi para a Internet. *Araçariguama falando para o mundo*, como diriam os locutores da Rádio Jornal do Comércio, do Recife. <http://www.geocities.com/~ptoschi>

Post Longum Tempus

Clovis Baroni

Diz o velho ditado: "Até as pedras se encontram". Esse ditado pode ser aplicado realmente no feliz artigo que se me deparou no Informativo n. 30, através do qual um cidadão, que há mais de 40 anos não tive mais contato com o mesmo e ele se apresenta rememorando fatos ocorridos há quase 4 décadas.

Trata-se do artigo do Geraldo da Silva Melo, o popular Goiano, ilustre Juiz de Direito aposentado, que fez a gente matar saudades do nosso trio sertanejo: Geraldo, Napoleão e Clovis, tão bom quanto o Trio Parada Dura, que se apresentava nos eventos realizados naquela época tão agradável a todos nós.

Geraldo (Goiano), graças a este Informativo a gente conseguiu descobrir que ainda existimos (infelizmente o Licínio nos deixou há poucos meses) e espero que por ocasião da comemoração dos 50 anos do Seminário do Ibaté, eu pos-

O Ipiranga foi para Itu

Nehy - esposa do Antonio Martini (1958/1963)

Parece que o tempo parou... É a volta à infância e adolescência dos tão saudosos tempos de Seminário. Sorrisos, deslumbramentos, admirações, surpresas e espantos tudo cruza nas fisionomias dos velhos companheiros de jornada.

Dia 21 de abril, em Itu, na chácara do Martini aconteceu o sexto encontro dos seminaristas do Ipiranga, da década de 60. Contando com a presença de 87 deles e suas respectivas famílias, foi um dia memorável. Padre Getúlio, com todo seu carisma e bondade ministrou a belíssima missa-

Celebração da Amizade, onde fatos e cantos trouxeram o passado e estreitaram os votos de fé na amizade presente. Depois vieram as festividades sociais programadas: almoço, regado a chopp, muitas piadas e cantorias sob a batuta do Isaias e do Fondello.

O dia voou. E todos nós, mulheres, filhos e irmãos, sentimos-nos orgulhosos de participar desta grande família onde os exemplos de lealdade, amizade e solidariedade cada vez mais embalam nossas esperanças e caminhadas.



sa lhe dar um caloroso abraço e ao mesmo tempo relembrar o nosso "Peguei, chacoalhei, guardei..." tantas vezes cantado no Seminário, que tinha como corolário a frase cantada: "O milagre que Deus faz, caramujejo andar pra trás, uai..."

Goiano, permita-me que eu lhe chame dessa maneira, você não imagina a emoção que se apossou de mim ao vislumbrar seu nome como articulista nas páginas do "Echus do Ibaté". Naquele instante veio-me à memória tudo o que eu, nós realizávamos no calor da nossa juventude, quando de nossa perma-

nência no Seminário.

Felizmente o elo de ligação entre mim e você foi o "Echus do Ibaté", idéia genial de algum colega nosso, que fez com que pudéssemos resgatar nosso passado.

Nada mais me resta senão aproveitar o ensejo para agradecer ao bom Deus por poder reatar essa amizade quase perdida num passado distante e que poderá agora ser reativada por intermédio deste Informativo.

Até a comemoração do cinquentenário do Seminário do Ibaté. "Laudetur Jesus Christus"...

Futebol

Recepcionados pelos casais Eliete e Airton Gobbi, Dulce e Oreste (pais do Airton) e os herdeiros Glauco e Natali (filhos do Airton), dezenove ex-ibateanos, alguns acompanhados de esposas e filhos, estiveram na chácara do Gobbi em Jundiá, no Sábado dia 24/abril, para mais uma rodada de futebol. **AGRADECEMOS** a calorosa acolhida dos anfitriões. Nós, ex-ibateanos (pais e filhos), ávidos por bola, pedimos **DESCULPAS** as esposas e filhas presentes ao evento: Eliete (Gobbi), Neiva e Júlia (Negão), Lúcia (Petrúcio), Suely e Francisca (Fausto), Elisabet (Falcão), Teresinha e Carolina (Almeida), prometendo que nos próximos encontros promoveremos atividades com vistas a integrar todos os familiares.

Jogos - Resultados:

Águia 2 x 1 Falcão
 Águia 5 x 1 Condor
 Andorinha 2 x 3 Condor
 Andorinha 1 x 2 Águia

Artilheiros: *Falcão Jr.(6),

Antonio J. Almeida (1963/1966) ▼

*Rafael(Almeida)(4),
 *Diogo(Negão)(4), Bartolomeu(2) e Sávio(1)

Equipes:

Águia do Saboó: *Falcão Jr,
 *Rafael(Almeida), Petrúcio, Zezo,
 *Rodrigo(Falcão), Pirão e Careca

Falcão do Ibaté: Eugênio,
 Bartolomeu, Falcão,
 *Eduardo(Perereca),
 *Gustavo(Almeida),
 *Ricardo(Almeida), Araçá

Condor: Rovirso, Sávio, Toledo,
 Mosca, Márcio, Santiago, Perereca

Andorinha: Eugênio, Araçá,
 Orlandinho, *Diogo(Negão), Luiz
 Negão, Bartolomeu, Santiago

(*) filhos dos titulares

OBS.: Embora presentes ao evento, os jogadores "Quinzinho", "Airton Gobbi", "Fausto" e "Almeida" foram poupados por orientação do Departamento Médico.

Nossa Correspondência ▼

Do Lettério Santoro - Companheiro Justo. Nosso ECHUS DO IBATÉ vai se tornando pequeno para tantas memórias e reflexões sobre os dias inesquecíveis da adolescência. Precisamos de mais páginas ou encartes, a fim de dar vazão à criatividade que só tende a aumentar à medida que outros companheiros vão surgindo.

Apesar do curto espaço, permito-me enviar-lhe mais uma matéria provocativa para o ECHUS, na esperança, sempre, de que encontre eco na inteligência e no coração dos leitores. Acho eu que não podemos viver apenas das doces lembranças dos tempos do colégio. Há também um "avesso da saudade" que precisa ser meditado nas páginas sem censura de nosso informativo. Aí sim, creio eu, teremos as duas faces de nossa formação no Ibaté colocadas às claras, uma completando a outra para bem da verdade.

Um abraço a você e a todos os velhos companheiros.

Echus informa: O artigo do Lettério será publicado no próximo número, em virtude de estarmos com artigos recebidos há mais tempo.

Meu Seminário

Alfredo Barbieri (49/53)

Meu seminário formoso,
 Todo belo e encantador
 Assentado na colina
 Tem beleza e esplendor
 Nele pousa a mão divina
 De Jesus, o Salvador.

ATENÇÃO

Toda 1ª sexta-feira
 do mês aguardamos
 vocês no Circolo
 Italiano. Apareçam!



Confiteor

Paulo Oliveira Leite Gonçalves (1949/1954) ▼

Não sei que dia era do mês e nem que mês era, se fevereiro ou março. Sei que as férias haviam terminado e logo no começo da tarde eu deveria embarcar na Estação da Sorocabana para São Roque. Acabara de completar 12 anos, capricorniano de janeiro, recém-convalescente de uma cirurgia no cotovelo onde havia levado um belo parafuso de platina que até hoje me acompanha e uma cicatriz de 22 pontos. Recém-saído de uma gripe, ainda meio febril, fiz minha mala e lá fui eu carregando-a no ônibus pela Av. São João, até a esquina da Duque de Caxias, quando andei por uns quase dez quarteirões até a Estação. Lá, uma quantidade de jovens, terno azul-marinho, camisa e gravata, alegres, não tinha o que pensar: eram os colegas que iam para o mesmo destino. Vi alguns rostos amigos, cumprimentei-os. No vagão escolhi meu cantinho e fiquei vendo a banda passar...

O prédio do Seminário já o conhecia desde uma visita feita no ano anterior, junto com outros colegas do Seminarinho, levados pelo Côn. João Pavésio.

E lá ia eu em rumo ao desconhecido de um novo estilo de vida.

Vi um padre que eu não conhecia. Alto, magro, batina e capote impecáveis, chapéu com borlas pretas e pelúcia longa, rosto muito vermelho. Atencioso com todos, sem abandonar um constante tom de austeridade. E eu me perguntava: “quê que este padre quer, andando pra lá e pra cá?” Só depois da chegada é que fiquei sabendo que era o Pe. Ministro. “E que fazia um Pe. Ministro?” Ia ficar sabendo depois.

Chegamos ao seminário. Só existia a metade do prédio e uma única das duas escadarias de acesso, a do lado esquerdo, de quem estava de frente para ele. Junto com os outros, levando minha mala, subi os degraus. Lá, no topo, estava o Reitor, Mons. Luiz Gonzaga de Almeida, um velho e bom conhecido, de quem fora paroquiano por dois anos e a quem co-

nhecia muito bem. Era simpático, muito culto e bondoso. Todos lhe beijavam a mão e para cada um tinha uma palavra de atenção. Para mim disse: “Este está pálido. Você está bem?”. Nem sei o que lhe respondi. Sai logo, deixando a vez para os outros.

Lembro-me que fomos para o dormitório e já havia uma cama destinada para mim. Desfizemos as malas, arrumamos a cama e guardamos as roupas num compartimento do armário que ficava no fundo do dormitório. Tudo estava previsto. Gostei.

O prédio que eu vira todo vazio estava mobiliado: camas, armários, cadeiras e mesas, carteiras de estudo, bancos e altares na capela. Acho que a “Casa Vaticano”, uma loja de móveis que levava este nome e cujos donos eram muito amigos do Côn. Pavésio, fora contratada para mobiliar o Seminário. Côn. Pavésio, Diretor do Seminarinho e Cerimoniário do Sólido, fora designado pelo Cardeal Motta para viabilizar o prédio para se tornar Seminário. Aliás, o “Seminário Menor Metropolitano do Imaculado Coração de Maria” de São Roque.

Bom. Chegou a hora do primeiro “Confiteor”. Era a hora da primeira refeição, o jantar. Em fila, rumo ao refeitório, lugares já pre-determinados. Uma fome de adolescente em fase de crescimento, a comida servida nas mesas, exalando um aroma que só a comida tem quando a gente está com fome. E aí começa o suplício. O Pe. Ministro começa: “Benedicite” e todos respondem: “Benedicite” e prossegue: *Édent pauperes et saturabuntur et ...* e não acabava mais a oração. Quando parecia que ia acabar veio um “Pater nostri...”. Silêncio... e, finalmente, a bênção: “Benedic nos Domine et haec tua dona quae de tua largitate sumus sumpturi, per Christum Dominum nostrum”. E todos: “Amem”.

Eu nunca atinha ouvido aquelas rezas, em latim, de que não entendia nadinha e, pois, não significavam

nada, a não ser o suplício da espera da refeição... E pensava: “A gente veio aqui foi para comer ou para rezar?”.

Só com o passar dos meses e anos, depois de aprender o “rosa,ae” e o “sum, es, est...” é que devagarinho fui podendo entender aquela devoção. Além do mais, fui aprendendo a ser conformado: tudo tem sua hora!

Iterum “Confiteor”.

Os que vieram de Pirapora já conheciam o batidão de uma vida de Seminário Menor. E já tinham a experiência do que era um Pe. Ministro. Falavam todos, em meio a galhofas, com carinho e saudade do Côn. Marcelo, Belga, Ministro de Disciplina em Pirapora. Sempre atento, não deixava passar nada, ao que diziam, com seus “Astunc” e “Pot for Dom”. Lembro-me dos constantes comentários do Lourenço (Perereca) e do Zequinha (José M. Perez).

Pe. Ministro estava perto de nós, praticamente o dia todo. O que via de errado e de indisciplina e que não competia chamar atenção na hora, ficava para um momento especial, no salão de estudos, que era contíguo ao refeitório.

Na hora da fala do Pe. Ministro, Santa Maria do Céu! Era uma hora terrível! Para meus ouvidos de criança, vinda de outros colégios, não acostumado com aquele tipo de broncas homéricas, me dava a impressão de um Juízo Final, com o Pai Eterno verberando os condenados... Não dizia para quem eram as broncas. Portanto, eram para todos e cada um. E eu sentia que tudo era dito para mim e me perguntava: “Quê que eu tinha feito de errado para merecer uma tamanha bronca na frente de todo mundo?” E tremia enfiado na cadeira e sofria.... Assim foi todo aquele 1º ano de 1949.

No 2º ano, éramos já velhos conhecidos e todos acostumados com a disciplina austera e militaresca. (Pe. Constantino, como seminarista maior,

(continua na página 7...)

(...continuação da página 6)

teólogo, acho, teve de servir o exército).

As falas do Pe. Ministro foram tomando um tom mais ameno e suave. Lembra-me que num fim de tarde, na hora do último estudo, ele iniciou uma fala, referindo-se a uma florzinha branca que dava no alto dos Alpes suíços, de difícil acesso e muito bonita: Edelweiss. Da brancura, beleza, raridade e dificuldade de conquista derivavam todas as lições de vida seminarística e sacerdotal.

Jamais me esqueci desta Edelweiss que jamais vi.

“Stat pristina Edelweiss. Nomina nuda tenemus” como concluiria um autor conhecido.

Quando acontece de ver na TV o filme “A noviça Rebelde”, vejo sempre como se fosse a primeira vez. E fico esperando pelo canto de “Edelweiss, edelweiss ...” que sempre me emociona e evoca lembranças tão boas e grandes lições de vida.

Pe. Ministro, D. Constantino Amstalden Sigrist, no céu, onde está, saiba que lhe tive sempre enorme

Procissão de Corpus Christi

Mons. Renato Artamendi (58/59)

Era 1959. Fazíamos bandeirinhas de papel de seda colorido, arcos de bambu, festões de cedrinho amarrados com arame e barbante, pintávamos símbolos eucarísticos e com eles enfeitávamos o itinerário da procissão. Todo mundo participava: padres, seminaristas, Irmãs e empregados. Fazendo corte

ao Ssmo., iam os memores vestidos de pajens. Eles aparecem no centro da foto. A roupa era de veludo preto e vermelho com gola e punho de renda branca. Foram usadas pela primeira vez no Congresso Eucarístico (Nacional ?) realizado em S. Paulo no tempo de D. José Gaspar.



admiração e uma gratidão imensa. E muita saudade.

A bênção!

Grêmio literário Pio XII

Mons. Renato Artamendi (1958/1959)

Quase sempre nos números do ECHUS vem uma poesia do Waldemar Waldir de Faria. Esse bom amigo de antanho acordava de madrugada e corria anotar uma rima que as musas lhe negavam durante a vigília diurna mas lhe inspiravam, matriças, no sono.

No dia da coroação de João XXIII houve Missa de manhã e à noite, sessão do Grêmio quando então o nosso bardo tomou posse da cadeira “Carlos Gomes” e ganhou das mãos do Pe. Constantino a invejável quantia de mil cruzeiros. Porém, o pior foi que ele não quis pagar doces para nós na cantina.

Poesia

Do livro “Habitantes do Silêncio” do colega Waldemar Waldir de Faria (1955/1958)

arcadas	claustro	vidro
a flecha desferida não é o fim.	hora virá, em que as preces transformarão os lábios em templos:	de desdém, em desdém. o pássaro esqueceu a flauta de cristal no voo indômito,
na minha infância, vi asas arcarem sobre abismos.	améns alados habitarão o recôncavo de nosso agora.	entre meu gesto lacerado e o infinito!
e, neles, procriarem rosas de esperança.		

Jubileu de Ouro da Teologia

Extensa programação marcará a Semana Jubilar de 9 a 13 de Agosto/99 na **PONTIFÍCIA FACULDADE DE TEOLÓGIA NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO**, na Av. Nazaré, 993, bairro do Ipiranga, cidade de São Paulo(SP). A manhã do dia 11 de agosto, uma Quarta-feira, será dedicada prioritariamente à

confraternização dos ex-alunos. Adesões e informações adicionais com as sras. Vilma ou Adilma no (011) 274-8600, fax (011) 272-7630 ou via internet: <http://www.teologia-assunção.br> / teologia@teologia-assunção.br (informou Márcio Paçoca)

Photo Antiqua

1966

- 01 - Valdir Marino Guelere Bacaicoa
- 02 - José Cláudio Pepe
- 03 - Antônio Sérgio Pavão
- 04 - Antônio Sidney de Oliveira Jr.
- 05 - Vicente Antonelli
- 06 - José Ricardo Falcão
- 07 - Bartolomeu Colacique
- 08 - Luís Roberto da Silva Oliveira
- 09 - ?

- 10 - Mons. Constantino Amstâlden
- 11 - Argemiro Fonseca dos Reis Jr.
- 12 - José do Espírito Santo Amaral
- 13 - ?
- 14 - Rosmar Zola Mathias
- 15 - Carlos José Villa Maior
- 16 - Francisco Carlos dos Santos
- 17 - ?
- 18 - ?



Contribuições

Depósito **INSTANTÂNEO** **BRADERCO** conta 226990-2, agência 95-7 (Nova Central-SP). Enviar cópia do comprovante de depósito com o seu nome no verso. Obs.: C/C está em nome dos tesoureiros: Carlos Domingues Cosso e/ou Wilson Mosca e/ou Gilberto Cianfloni Lucarts.

Agradecimentos

A Família Ibateana agradece as **CONTRIBUIÇÕES ESPONTÂNEAS RECEBIDAS** até 30/04 /1999: Luiz Carlos de Oliveira, Wilson Mosca, José Coelho Melo Filho, Márcio Pereira da Silva, Paulo Oliveira Leite Gonçalves, Ailton Oreste Gobbi, Alfredo Barbieri, Paulo Francisco Toschi e Clovis Baroni; e **VENDA DE FITA**: Nadir Firmino.

IMPORTANTE: Há onze contribuições de colegas que ainda não conseguimos identificar. Solicitamos nos sejam sempre enviados, por telefone, fax ou carta, informações sobre os depósitos.

E-Mails Recebidos

Do Adalberto Valeriano Barros Amigos !!! Queiram anotar em seus endereços meu novo e-mail: avbarros@uol.com.br

MAGA
Corretora de Seguros Ltda.

ALFAMARC
Corretora de Seguros Ltda.

FAÇA SEGURO CONOSCO!
Além do tratamento VIP, desconto especial para os ex-alunos do Ibaté. Ambas corretoras são do colega Mário Gambassi Luz Angelini (58/61)
Rua S. Gabriel, 555 cj. 410 - São Paulo - SP
TEL. (011) 881-3977